

## Educomunicação e Saúde: uma relação ainda por ser construída<sup>1</sup>

Marciel A. CONSANI<sup>2</sup>

Helena Marques MÁLAGA MORAIS<sup>3</sup>

### Resumo

O texto propõe o resgate e aprofundamento de uma interface ainda pouco explorada pela abordagem educacional: a Educação para a Saúde. Partindo da revisão de iniciativas detectadas junto ao NCE-ECA/USP e ao curso de Licenciatura em Educomunicação CCA (Departamento de Comunicação) da mesma instância universitária, pretendemos alçar ao primeiro plano as possíveis contribuições que a Educomunicação pode agregar às demandas relacionadas com a Educação para a Saúde e o Bem-estar. O artigo relaciona e descreve sucintamente algumas das iniciativas mais significativas na interface Educomunicação/Saúde, apontando potenciais a serem desenvolvidos. Ao final, pretende-se que este texto contribua para uma melhor compreensão do alcance da práxis educacional, estendendo-a para um setor de atuação com demandas educacionais importantes, como é o caso da Saúde Pública.

**Palavras-chave:** Saúde, Educomunicação, Telemedicina, Bem-Estar.

### Introdução

A disciplina “Práxis Educacional, da Mediação Tecnológica na Educação à Narrativa Transmidiática” é oferecida no Programa de Pesquisa em Ciências da Comunicação (PPGCOM) do CCA-ECA/USP (Departamento de Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo).

Ela pode ser considerada como o ponto de partida para a elaboração deste artigo, uma vez que a ementa da mesma prevê uma revisão histórica de vários projetos de extensão desenvolvidos pelo NCE-ECA/USP<sup>4</sup> os quais se constituem numa fonte inesgotável de *cases* empíricos relativos às práticas educacionais. Embora a disciplina enfoque as relações entre a Comunicação e a Tecnologia no contexto educacional, ela também permite a releitura crítica de algumas interfaces que, por um motivo ou por outro, não tiveram a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – INTERFACES COMUNICACIONAIS, GP Comunicação e Educação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2016).

<sup>2</sup> Professor Doutor no curso de Licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA/USP e no Programa de Pesquisa em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da mesma unidade.

<sup>3</sup> Graduada em Rádio e TV, ex-integrante da equipe audiovisual da Disciplina de Telemedicina da FMUSP (2010-2013) e atual colaboradora do NCE-ECA/USP.

<sup>4</sup> O Núcleo de Comunicação e Educação da ECA foi fundado em 1996, sob a coordenação do Pesquisador e Docente Titular Ismar de Oliveira Soares (ECA-USP) com o objetivo de investigar e desenvolver ações na interface Comunicação/Educação. Desenvolvendo projetos de intervenção pedagógica, principalmente junto em parceria com o Poder Público e Organizações da Sociedade Civil, o NCE pode ser considerado a instância que mais contribuiu para a ressemantização do termo “Educomunicação” na Universidade.

merecida reavaliação ao longo das duas décadas de trabalho comemoradas pelo NCE no presente ano. Neste caso se enquadram as ações de extensão e pesquisa (inclusive as de Iniciação Científica) que se debruçaram sobre questões comunicacionais envolvendo a área de Saúde e que se constituem, aqui, no alvo de nosso interesse.

Podemos considerar que a disciplina “CCA 5124”, também, marcou o reencontro de um docente — o autor do artigo — com sua ex-aluna de radialismo — que aqui assina como coautora, atraída agora pela perspectiva da pesquisa acadêmica motivada pelos três anos em que atuou junto à Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), na disciplina de Telemedicina.

A justificativa epistemológica que invocamos para investigar tais projetos e as potencialidades que deles decorrer, reside na necessidade de sistematizar ações de comunicação em saúde. Tais ações, em nosso entendimento devem atender as dimensões inter profissionais, ou seja, entre profissionais/gestores na área de saúde; interpessoais — entre profissionais de saúde e pacientes —; e extra institucionais, isto é, das organizações/departamentos da área para com o público externo.

Para demonstrar estas possíveis aproximações entre a saúde e a comunicação, neste artigo faremos uma análise dividida em quatro seções. Primeiramente, esboçaremos alguns aspectos gerais envolvidos na problemática da comunicação no âmbito da saúde.

Na segunda seção, descreveremos o histórico de ações da já mencionada Disciplina de Telemedicina da USP, apresentada como *case* exemplar no que tange à educação em saúde com o emprego das mídias e tecnologias digitais.

Na seção de número três, pontuaremos alguns projetos educomunicativos do NCE-ECA/USP (Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo) que buscaram aproximar a Educomunicação e a Saúde, tais como o *Educom.Saúde* e a investigação de Licenciatura em Educomunicação, que resultou no TCC “*Saúde Pública e Educomunicação: Caminhos para a formação de um especialista em diálogo com a população*”. Nele, Paula Silva (2015) se propôs a mapear possíveis elementos educomunicativos presentes em projetos da Disciplina de Educação Nutricional, da Graduação em Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP/USP).

Ao final, a título de últimas considerações, apontaremos algumas tendências e iniciativas que se revelam promissoras para a consolidação nos tópicos da “Educação em Saúde” e “Bem-Estar” como uma demanda social pertinente ao âmbito das ações educomunicativas.

## 1. Comunicação em Saúde: respostas incipientes para demandas crônicas

Muito de nós devem ter vivenciado, empiricamente, a falta de informações objetivas a respeito do estado de saúde de um determinado paciente, por vezes mascarada pelo jargão médico ou assumindo, em outros casos, a forma da mais simples omissão. Saindo do plano subjetivo e pessoal para analisar a dimensão social das ações comunicativas (e por que não, educativas?) da Medicina e da Saúde Pública, permanece a impressão de que o ato de comunicar não está entre as prioridades dos profissionais destas áreas.

Os exemplos são muitos, mas podemos pinçar dois deles, tão corriqueiros quanto ilustrativos: as bulas de remédio, apresentadas num design de forma/conteúdo que dificulta e intimida sua leitura e entendimento até o nível da decifração por parte dos não-iniciados. Segundo exemplo: a opinião de certos profissionais da saúde de que é necessário restringir o acesso prévio dos pacientes aos seus prontuários e resultados de exames — neste caso, culminando com a invocação do sigilo de correspondência, já que os mesmos seriam endereçados aos médicos.

No âmbito social, nos parece que a Comunicação para a Saúde, muitas vezes, não atinge seus objetivos por assumir um caráter apenas informativo, esquecendo-se do sentido dialógico inerente à comunicação e de seus desdobramentos didáticos e pedagógicos, na educação. Podemos mencionar as campanhas contra a Dengue e o Vírus Zika (Brasil, 2016), que se valem de “cartilhas” e panfletos para fazer uma publicidade massiva em tom alarmista e amedrontador demonstrando que a comunicação em saúde busca ser efetiva, mas apenas em situações emergenciais. Quanto aos resultados obtidos, por sua vez, são bastante questionáveis, se compararmos os recursos dispendidos em tais campanhas (e que aumentam a cada ano) com a esperada queda nos índices de propagação das doenças combatidas.

Esse tipo de comunicação unidirecional, onde somente o emissor da mensagem possui voz ativa, ainda que robustecido pelos veículos de comunicação (rádio e televisão) e as mídias digitais baseadas na internet, não propicia um espaço aberto de conversa com o público leigo. Este último é encarado apenas como um receptor passivo de mensagens cujos motivos não precisa compreender, necessariamente, e aos quais não cabe, de modo algum, questionar. Para TORRES

[...] o campo da comunicação e saúde no Brasil tem sido palco de disputas de sentido, que se expressam em termos epistemológicos, isto é, na própria concepção de comunicação. Para a autora, a comunicação – na sua interface com a saúde – é ainda fortemente pautada, por sua utilização estratégica, para informar e para

persuadir, buscando apenas promover mudanças comportamentais. A autora relaciona tal prática a uma concepção ou um modelo caracterizado como: desenvolvimentista, instrumental, informacional e transferencial. (TORRES *apud* LINDENMEYER & MARTINS 2015, p. 301).

Assim, tais campanhas de saúde tratam a comunicação como uma via de mão única, com um discurso linear e previsível, o que resulta numa comunicação truncada que não dialoga, apenas informa num tom impessoal e burocrático, quase que impellido por uma necessidade legal e não humana. As mesmas autoras mencionam ainda que “[...] o modelo de dois polos é o predominante no campo da comunicação, com contornos superficiais de incorporação do diálogo” (idem, p.302).

Além de tudo isso, soma-se o “efeito saturação” das mesmas informações ciclicamente repetidas, da forma idêntica e pelos mesmos canais: o resultado acaba se refletindo em uma insensibilização do público, ou seja, o resultado obtido é exatamente o contrário daquele esperado pelos idealizadores da comunicação.

Parte da crescente necessidade de se debater a relação entre a Comunicação e a Saúde está na busca por políticas públicas efetivas que dialoguem com a população, para que esta responda expressando suas reais necessidades e opiniões sobre o trabalho que poderia ser feito, coletiva e colaborativamente, no sentido de melhorar a saúde nas comunidades.

Pitta e Magajewski (2000), ambos membros do Grupo de Trabalho Comunicação e Saúde da ABRASCO<sup>5</sup>, discutem que

No plano acadêmico, se a produção teórica no campo dos discursos em Saúde por meio da grande imprensa e das campanhas educativas vem crescendo nos últimos anos, muito pouco vem sendo construído com respeito à natureza das políticas governamentais de comunicação e de sua relação com o contexto contemporâneo das novas tecnologias de comunicação e da construção de instituições democráticas na América Latina, Brasil e no campo da Saúde. (PITTA E MAGAJEWSKI, 2000, p.65)

Por esta leitura, a comunicação deve assumir um caráter mais participativo e agir como elo de ligação entre o grande público e os órgãos gestores de saúde, primeiramente partindo dos níveis mais próximos da comunidade, seguindo para os níveis mais distantes, numa espécie de “corrente” que perpassa todas as instâncias até atingir o nível nacional.

---

<sup>5</sup> A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) foi criada com o objetivo de atuar como mecanismo de apoio e articulação entre os centros de treinamento, ensino e pesquisa em Saúde Coletiva para fortalecimento mútuo das entidades associadas e para a ampliação do diálogo com a comunidade técnico-científica e desta com os serviços de saúde, as organizações governamentais e não governamentais e a sociedade civil.

Ambas as vertentes de ação, a dos gestores da saúde e a dos canais de comunicação são partes interessadas para que as instâncias civis e governamentais consigam fazer com que o Sistema Único de Saúde (SUS) realmente funcione em conformidade com os seus princípios declarados de equidade, universalidade e integralidade (LINDENMEYER; MARTINS, 2015, p. 302).

Por ocasião do II Encontro Nacional de Conselheiros de Saúde, em 1998, foi proposta uma política de Comunicação ressystematizada, ampliar a rede de relações comunicativas dentro daquele grupo (Pitta e Magajewski, 2000). Esta aproximação entre as áreas de saúde e da comunicação vem ganhando mais força, na medida em que se multiplicam iniciativas e projetos voltados integrando a saúde, a comunicação e a educação.

Alguns exemplos tratados mais adiante, representam novos olhares para uma abertura de canais de diálogo com parcelas mais amplas da população. Na sequência, relataremos algumas ações desenvolvidas dentro do curso de Medicina da USP nas quais observamos uma importante convergência com a abordagem educomunicativa.

## **2. Medicina, comunicação e mídia: um breve relato do trabalho na Telemedicina da FMUSP**

Partindo da necessidade de Pensando neste e em outros objetivos, é que a Disciplina de Telemedicina da Faculdade de Medicina da USP tem projetos que unem a comunicação com tecnologia, e um modelo de produções em saúde que facilitam o aprendizado, aumentando assim o coeficiente de conhecimento de uma parcela de comunidades.

Conectando a tecnologia com comunicação, educação e saúde, em 1985 o Departamento de Patologia da FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) criou a Informática Médica. Anos depois, surgiu a Telemedicina da FMUSP:

Em 1997, sob a liderança do professor György Miklós Böhm, então Professor Titular do Departamento de Patologia, a FMUSP decidiu criar a primeira Disciplina de Telemedicina (DTM) do Brasil, que ficou operacional no ano seguinte. Pelo contexto histórico e administrativo do momento da sua criação, ela começou e ainda faz parte do Departamento de Patologia (CHAO, L. W. 2011, p. 86, 87).

Com o objetivo de fomentar o ensino de/e para a saúde por meio de diversas ferramentas, a Telemedicina faz uso da tecnologia para impulsionar a aprendizagem com vídeo, áudio, animações 3D, entre outros

Em síntese [...] a Telemedicina consiste no uso da tecnologia para possibilitar cuidados à saúde nas situações em que a distância é um fator crítico. A expansão da aplicação da Telemedicina para diversos serviços de saúde proporcionou o surgimento de termos adicionais nesta última década [...] (idem, 2011, p. 7).

Na sociedade atual a tecnologia e conexão via internet tornaram-se aliados para que a Telemedicina e seus preceitos pudessem alcançar áreas mais remotas e comunidades distantes. Cursos à Distância para atualização de profissionais de saúde e, também, conteúdo online com o objetivo de ensinar a população em geral sobre temas variados, são alguns dos pontos buscados pela Telemedicina.

Dentre suas iniciativas pode-se destacar o *Projeto Jovem Doutor*, o qual “envolve basicamente os alunos do ensino superior, da área de saúde, com alunos e professores de escolas do ensino médio e fundamental, para desenvolverem atividades que promovam a melhoria de saúde da população” (ibidem, 2008, p. 10).

Também merece atenção o objeto de aprendizagem em animação 3D Homem Virtual, o qual: “Consiste na representação gráfica de grande quantidade de informações especializadas, de modo agradável, interativo, dinâmico e objetivo” (Op. Cit., 2008, p. 11).

Por haver características específicas, as quais, em cada um dos projetos, se integram de maneiras diferentes, é necessário que profissionais de áreas diversas trabalhem em conjunto, garantindo que os produtos finais sejam formatados corretamente ao público pretendido, sempre numa abordagem interdisciplinar.

De um modo geral, podemos afirmar que as produções realizadas pela Telemedicina foram felizes ao unir a comunicação com a intencionalidade educativa, seja por meio de vídeos com animação, seja, em estratégias de grupo como o *Jovem Doutor*, numa interação direta com o público.

Na próxima seção, vamos mencionar alguns exemplos pontuais de projetos que exemplificam aproximações da educomunicação com a área da Saúde para o atendimento de demandas pertinentes ao poder público e a própria Universidade.

### 3. Projetos educomunicativos voltados para a Comunicação em Saúde

Conforme apontam Eliany & Alves (2005), “O Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP) atua para ampliar e buscar caminhos eficazes de integração da comunicação no espaço educativo”.

No que tange Educação em Saúde e políticas públicas, a Educomunicação tentou uma realização inovadora, a qual foi descontinuada na mudança do governo municipal da cidade de São Paulo, no final do ano de 2004. A Gestão da Educomunicação uniu uma equipe de consultores em Educomunicação com profissionais da área da saúde. Assim, com a criação da COVISA (Coordenação da Vigilância em Saúde) em 2003, é criada também Gerência de Comunicação e Educação, à ela subordinada:

[...] a Com&Edu tem a meta de implementar uma rede comunicacional para a saúde, baseada na articulação com 31 interlocutores para a comunicação, oriundos das Coordenadorias de Saúde nas subprefeituras da cidade de São Paulo.” (LAGO et al., 2005 p.02)

Formada por uma equipe multidisciplinar, contando com jornalistas e assessores de imprensa, entre outros, os profissionais formatariam projetos de comunicação para saúde usando princípios educomunicativos

A Com&Edu tinha a atribuição de ser o órgão responsável pela elaboração de estratégias e materiais de divulgação, bem como projetos integrais de comunicação e educação para a saúde, estando em sua essência a preocupação com a mudança das práticas de comunicação, no âmbito externo, isto é, junto à população, e no âmbito interno, junto aos inúmeros profissionais que atuam na área, desde os centrais, até os locais nas subprefeituras (Idem).

Conforme descrito, o planejamento inicial naquele projeto, tinha como meta estabelecer a necessária correlação entre a Educomunicação e a Saúde, criando uma extensa rede de diálogo que cobriria todos os níveis hierárquicos da administração municipal, até que as experiências chegassem aos órgãos públicos de maior influência.

Com base nas experiências destas áreas inter-relacionadas, foi proposto o projeto EDUCOM.SAÚDE, conforme relatam Machado e Alves (2005, p. 7) “desenvolvido pelo NCE, representado pela Fundação de apoio à Universidade de São Paulo (FUSP), junto à Coordenação de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo”.

A inserção de práticas educomunicativas deu-se por meio de eventos e aulas, nas quais os educandos tinham a chance de conhecer mais sobre como a Educomunicação poderia efetivar as ligações que tanto faltam entre a saúde e a comunicação

O EDUCOM. SAÚDE foi aberto com um seminário no final de setembro e se estendeu até 13 de dezembro, em 10 encontros semanais de 8 horas, destinados a formar 50 profissionais que desempenham atividades nas áreas de educação e de comunicação em vigilância em saúde, compreendendo esta última a interlocução entre promotores e usuários dos serviços de saúde, o relacionamento com as mídias, a produção midiática, bem como os projetos de difusão (idem).

Ainda que ambos os projetos — Com&Edu e o EDUCOM. SAÚDE — não tenham se efetivado por razões de mudanças de políticas públicas e de gestões (sem falar em “cores partidárias”), o desenrolar dos fatos serviu para que, tanto profissionais ligados à saúde, quanto aqueles vinculados à educomunicação, percebessem a existência de uma possível nova área de intervenção, capaz de originar projetos efetivos de participação popular na interface entre ambas.

Outro exemplo ilustrativo de tal possibilidade está em uma pesquisa para Licenciatura em Educomunicação, de 2015 (Paula e Silva, 2015). Este trabalho, valida que algumas práticas educomunicativas utilizadas em conjunto com as aulas da Graduação em Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP, possibilitaram capturar melhor a atenção do público-alvo do projeto, para que compreendessem recomendações de uma alimentação saudável.

Para isto, foi realizado um Projeto de Aplicação com alunos do 5º ao 7º ano de uma escola da Zona Norte de São Paulo

O objetivo principal foi trabalhar diretamente com os alunos, visando criar um ambiente amigável e dialógico, a fim de, desenvolver conversas e debates, que estimulem a vontade de construir suas próprias interpretações para as propagandas veiculadas na mídia, envolvendo a temática da saúde. A expectativa foi de contribuir para uma formação mais crítica e cidadã. (PAULA SILVA, 2015, p.42)

O Projeto consistia em mostrar vídeos aos alunos da escola — e dentre estes, estariam vídeos elaborados pelos alunos da disciplina de Educação Nutricional da FSP/USP em conjunto com a Educomunicação - e observar a reflexão dos alunos da escola

Durante a análise, pretendeu-se entender quais mensagens cada vídeo quiseram transmitir. Verificando se os alunos, já tinham parado para refletir nas mensagens que a televisão e a internet nos transmitem sobre a saúde, raciocinando a importância ou não desses assuntos e sua justificativa [...] O objetivo foi dar a chance de resposta para esses jovens. Eles que recebem diariamente mensagem

envolvendo todas as temáticas e verificando dessa forma o que eles consideram importante de ser transmitido e como.” (Idem, p.44)

Em conjunto com o curso de Licenciatura em Educomunicação, a FSP/USP inovou ao integrar algumas práticas dialogando com e entre os alunos da Nutrição, demonstrando que pode ser feita uma junção de áreas que os estimula a refletir e construir consciência a respeito das mensagens que recebem e produzem.

Naquele contexto, a FSP/USP criou também o USParódias, um canal online de vídeo e música para tratar de temas atuais da sociedade, “com o propósito de colocar em prática conteúdos aprendidos pelos alunos, correlacionando a educação com a comunicação de forma lúdica e criativa (ibidem, p. 37)”.

Apesar de tais iniciativas se constituírem pontualmente, acreditamos que elas evidenciam uma tendência promissora para a área da educomunicação, desdobrando-se em outras ações sobre as quais discorreremos a seguir.

#### **4. Novas possibilidades e tendências para a educomunicação em saúde**

Quando Soares (2011) propôs a categorização das ações educacionais em “vertentes”, apoiando-se nos dados recolhidos em sua famosa “Pesquisa Perfil” (que justificou a constituição do NCE-ECA/USP), a Educomunicação poderia ser considerada um conjunto de práticas, identificada no meio de uma teia de relações que se imbricava na interface Comunicação/Educação.

Quase duas décadas depois daquela investigação preliminar que mapeou como vertentes (1) a educação para e pela comunicação (media education/literacy); (2) a gestão da comunicação em espaços educativos, (3) a epistemologia da relação C&E e (4) a mediação tecnológica na educação — acrescidas, logo depois da quinta vertente, ou seja, da “expressão comunicativa por meio das artes” — consideramos, mais do que bem vinda, uma nova taxonomia, não no sentido de substituir, mas sim, de complementar aquela abordagem inicial.

Neste sentido, assinalamos a ocorrências de intervenções educacionais de diversas naturezas, refletindo sobre a questão ambiental (Educomunicação

Socioambiental)<sup>6</sup>, a discussão étnico-racial (Martins de Oliveira, 2015) e os Direitos Humanos, entre outras problematizações.

Neste contexto, o binômio “Saúde & Bem-estar” se destaca como uma interface que, mesmo não tendo se consolidado plenamente, desperta um interesse constante.

Indo ao encontro destas tendências, observamos que, recentemente, a proposição de estratégias educacionais dentro da Saúde vem ganhando espaço, não apenas pela convergência entre iniciativas inovadoras, como aquelas mencionadas na seção 3 deste trabalho, mas pelo interesse inédito que algumas áreas ligadas à Saúde e Bem-Estar vem demonstrando no sentido de buscar a colaboração da expertise acumulada pelo conjunto CCA/NCE/Labidecom<sup>7</sup>.

Para ficarmos em dois exemplos bastante atuais, podemos mencionar a inclusão de um plano de Educação e Difusão de Conhecimentos com orientação educacional integrado às ações de um Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, que congrega o Instituto de Psicologia (IPUSP), as Universidades UNIFESP e Mackenzie, além da empresa Natura e da Fapesp, como órgão de fomento. O objetivo principal desta parceria é investigar o conceito de Bem-Estar e seus reflexos no desenvolvimento humano. A Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa, titular do CCA-ECA/USP, foi a articuladora que propiciou a adoção do conceito da educação como abordagem norteadora no plano de comunicação do projeto (USP, 2016).

Também podemos nos referir ao curso online “ECOAR- Educação, Comunicação, Atitude e Responsabilidade”, projeto piloto proposto dentro da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo – (FMVZ-USP) e que conta com o apoio do pedagógico dos autores do presente artigo.

Enfim, embora não possamos, ao contrário do que possa sugerir nosso título, padronizar (e limitar) as ações comunicativas a uma série esquemática de “protocolos” junto às instâncias gestoras nas áreas de Saúde e Bem-Estar, somos categóricos em afirmar que estas áreas já atingiram uma “massa crítica” de agentes que se conscientizou da necessidade de melhorar as estratégias e os recursos de comunicação, não apenas para

---

<sup>6</sup> A expressão denomina uma disciplina optativa oferecida do CCA-ECA/USP: cf. <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sldis=CCA0320&codcur=27570&codhab=4>.

<sup>7</sup> O Laboratório de Inovação, Desenvolvimento de Pesquisas em Educação (LABIDECOM) está sediado no CCA-ECA/USP e é constituído por um conjunto de recursos (estúdio digital, laboratórios, equipe de colaboradores) que se propõe a investigar o trabalho que envolve programas e projetos de Educação.

facilitar o trabalho que já se faz, mas para transformar, para melhor, a realidade de seus processos educativos por meio da comunicação.

### **Considerações Finais**

Ainda estamos bem longe de concluir um panorama completo a respeito de todas as intervenções pedagógicas e pesquisas decorrentes das ações educomunicativas voltadas para a promoção da Saúde e do Bem-Estar.

Uma parte do problema consiste em empreender um mapeamento mais completo de trabalhos similares e, concomitantemente, alimentar as iniciativas nesta direção que vão se apresentando com uma frequência cada vez maior.

Conforme relatamos no início deste trabalho, ainda que haja o denominador comum (interface Saúde/Comunicação/Educação) do objeto e universo da intervenção comunicativa, o âmbito desta tripla relação se estende enormemente. Considerando, ainda, as dimensões interpessoais, inter profissionais e extra institucionais, podemos concluir que estamos diante de uma vasta linha de investigação, aqui, apenas delineada.

Uma alternativa viável, seria a de estender a proposta deste artigo para um projeto de investigação *stricto sensu*, assumindo uma responsabilidade epistemológica muito maior do que aquela presente nas constatações aqui apenas esboçadas.

Enquanto esta possibilidade não se efetiva, esperamos proporcionar, por meio das reflexões aqui desenvolvidas, a relevância de um novo objeto de estudos para os educomunicadores e também para profissionais e pesquisadores cujas áreas de interesse dialoguem com a comunicação, a educação e Saúde & Bem-estar.

### **Referências**

ABRASCO. **Sobre a Abrasco.** Texto online obtido em: <https://www.abrasco.org.br/site/sobreaabrasco/>. Acesso em: 15 de julho de 2016.

ALVES, Patrícia H.; MACHADO, Eliany S. **NCE: Um Projeto de Intervenção Social.** In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28. 2005. Rio de Janeiro, Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/82638806612225034759680058084635145182.pdf>. Acesso em: 13 de julho de 2016.

AOKI, Tatiana. **Comunicação em saúde: o que estamos discutindo?** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade. Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0964-1.pdf>. Acesso em 7 de julho de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vírus Zika: Informações ao Público**. Brasília, 2016. (Cartilha). Disponível em: <[http://www.ans.gov.br/images/stories/noticias/pdf/Cartilha\\_Zika\\_revisada.pdf](http://www.ans.gov.br/images/stories/noticias/pdf/Cartilha_Zika_revisada.pdf)>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

CIRINO, José Antônio Ferreira; TUZZO, Simone Antoniaci. **Comunicação e saúde: a mídia como agente social de saúde**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Centro-Oeste, 2015, Campo Grande, DT 6: Interfaces Comunicacionais. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0235-1.pdf>>. Acesso em: 13 de julho de 2016.

CHAO, Lung Wen. **Telemedicina e Telessaúde: Inovação e Sustentabilidade**, 2011. Disponível em: <<http://www.telessaude.uerj.br/resource/goldbook/pdf/5.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

\_\_\_\_\_. **Telemedicina e Telessaúde: Um panorama no Brasil**. Informática Pública, ano 10, n.2, p.07-15, 2008. Disponível em: <[http://www.ip.pbh.gov.br/ANO10\\_N2\\_PDF/telemedicina\\_teleasaude.pdf](http://www.ip.pbh.gov.br/ANO10_N2_PDF/telemedicina_teleasaude.pdf)>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

DE MARCO, Mario Alfredo et al. **Comunicação, humanidades e humanização: a educação técnica, ética, estética e emocional do estudante e do profissional de saúde**. Interface (Botucatu), v.17, n.46, p.683-693, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v17n46/aop2313.pdf>>. Acesso em: 9 de julho de 2016.

LAGO, Cláudia; CONDEIXA, Denise G.; ROMANCINI, Richard. **A Gestão da Educomunicação na Saúde: Análise de uma Experiência**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. Sessão de Mesas Temáticas, Mesa Temática nº 11. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/45823976561046228997562803542841328571.pdf>>. Acesso em: 7 de julho de 2016.

LINDENMEYER, Luciana; MARTINS, Carla M. **Comunicação e saúde nos manuais dos organismos internacionais para situações de emergência e desastre: intervenção e hegemonia**. In Revista Interface (Botucatu), v.19, n.53, p.299-310, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v19n53/1807-5762-icse-19-53-0299.pdf>>. Acesso em: 9 de julho de 2016.

LOPES, Paulo R. L.; PISA, Ivan T.; SIGULEM, Daniel. **Desafios em Telemedicina**. 2005. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31051372/DrDanielSigulem.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1468612078&Signature=xgbT7VqCT3rz98YRGras2O06Z3U%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDesafios\\_em\\_telemedicina.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31051372/DrDanielSigulem.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1468612078&Signature=xgbT7VqCT3rz98YRGras2O06Z3U%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDesafios_em_telemedicina.pdf)>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

MARTINS DE OLIVEIRA, Leunice. **Educomunicação para a educação das relações étnicoraciais**. Artigo apresentado na 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível na URL <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt21-4404.pdf>. Acesso em 05/07/2016.

PITTA, Áurea M. da Rocha; MAGAJEWSKI, Flávio R. Liberali. **Políticas nacionais de comunicação em tempos de convergência tecnológica: uma aproximação ao caso da Saúde**. Interface (Botucatu), v.4, n.7, p.61-70, agosto, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/05.pdf>>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

PAIXÃO, Maurício P. et al. **Dermatúnel: modelo de ambiente interativo de aprendizagem em dermatologia**. Revista Saúde e Sociedade. São Paulo, v.18, n.4, p.800-808, 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902009000400022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000400022&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

PAULA SILVA, Larissa de. **Educomunicação: Caminhos para a formação de um especialista em diálogo com a população.** São Paulo, SP, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de conclusão do Curso de Licenciatura em Educomunicação da USP.

REVISTA DE TELEMEDICINA E TELESSAÚDE. São Paulo, W Graf. v.2, n.2, dezembro 2006. Disponível em: <[http://telemedicina.fm.usp.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/jornal\\_dez2006.pdf](http://telemedicina.fm.usp.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/jornal_dez2006.pdf)>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Saúde. **Dengue: Cartilha do Gestor Municipal.** São Paulo: 2014. Disponível em: <[http://www.saude.sp.gov.br/resources/ccd/materiais-de-comunicacao/dengue-2015/cartilha\\_de\\_dengue\\_final.pdf](http://www.saude.sp.gov.br/resources/ccd/materiais-de-comunicacao/dengue-2015/cartilha_de_dengue_final.pdf)>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

USP. Sala de Imprensa. **Bem-estar do brasileiro é tema de novo Centro de Pesquisa da USP.** Reportagem online publicada em 26/06/2016, disponível na URL <http://www.usp.br/imprensa/?p=58415>, acesso em 05/07/2016.